

Vamos continuar?

“[...] O trabalho fundamental está feito e é altura de outros, mais novos, o continuarem e o renovarem. [...]”, escreveu o Senhor Dr. Barros Veloso, no contexto do editorial (*Med. Int.*, 2001;8(1):6) em que “[...] faz passagem de testemunho para outros que sejam capazes de imprimir à revista, um novo brilho e uma nova dinâmica”.

Revelando-se irreversível a vontade de Barros Veloso, entendeu a Direcção da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna (SPMI), não por unanimidade, encarregar-me das funções de Director desta revista, o que aceitei, por disciplina e, também, por sentir que poderia ser útil à Medicina Interna; e, ainda, por estar em causa algo cuja concepção apoiei (pelo menos) e cuja “nidação” defendi...

Mas, um tanto preocupado, pelas responsabilidades da sucessão, e lamentando dolorosamente que Barros Veloso, na brilhante poética em que se serve da simbologia do algarismo sete, tenha “omitido” – não aceitei que fosse esquecimento, e, muito menos, ignorância – o exemplo camoniano daquele pastor que

“[...]

Vendo [...] que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,
Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: - Mais serviria, se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida!”

(Sendo que, no caso, não há desconhecimento do mérito ou quebra de contrato, e nada foi negado).

Aceitei o encargo, consciente da responsabilidade resultante da importância e qualidade da obra feita, das potenciais susceptibilidades e das dificuldades de várias ordens que geralmente assistem, entre nós, à manutenção de uma publicação que se quer útil, regular e de qualidade.

Porém, se alguma vacilação senti, pude ultrapassá-la, perante a confiança reiterada pela Direcção da SPMI – que entendo como não meramente institucional – e, principalmente, pela confiança e garantia, que recolhi, da continuidade da colaboração de quantos têm dado objectivo contributo à existência da revista *Medicina Interna*.

A revista *Medicina Interna* tem que continuar, traço identificador da SPMI, instrumento de valorização da imagem e importância da Medicina Interna, meio de formação, estímulo e acção pedagógica e científica, que é e ou pode e deve ser – o que, a não se confirmar, nos levaria a dolorosa revisão do orgulho, importância e qualidade que todos nós, internistas, nos atribuímos (nomeadamente, no contexto de muitas lamentações).

A revista é um produto. Terá que resultar da “manufatura” de uma dada matéria-prima. E não se trata de uma qualquer publicação, cuja aceitação e fidelização se possa promover por um qualquer mecanismo secundário ou paralelo de sedução.

A matéria-prima da nossa revista deve provir – tem que provir, embora não só - do manancial intelectual, ético, científico e técnico constituído pelos médicos e em particular, pelos médicos internistas (e especialidades afins) e, portanto, logo, pelos associados da SPMI.

Essa participação - responsabilidade no sucesso da *nossa* revista reside na produtividade de matérias para publicar, em qualidade que permita, imediatamente, o funcionamento positivo de critérios de avaliação e, daí, a aceitação nos areópagos nacionais e estrangeiros. E, não menos importante, em quantidade que permita também uma calendarização editorial atempada e segura, com as inerências e potencialidades várias, desde a garantia da regularidade até à facilidade de obtenção de suporte material sem encargos internos nem perturbação de independência.

Não seria de esperar que, de tantas e válidas comunicações apresentadas nos Congressos – e outras acções – da SPMI resultassem (10% seria já bem bom) trabalhos que se propusessem para publicação?

A Direcção da SPMI e todos aqueles com que conto para honrar as tarefas de direcção e edição da *nossa* revista, estão apostados em, mais que renovar, honrar a obra levantada, mantendo-a e promovendo-a.

Contamos com os internistas portugueses e, por maioria de razão, com os associados da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna.

Vamos continuar! Vamos?!

Carlos Soares de Sousa